

## Apresentação

Ione Ribeiro Valle  
Denice Barbara Catani

O sistema escolar age como o demônio de Maxwell: à custa do investimento de energia necessária para realizar a operação de triagem, ele mantém a ordem preexistente, isto é, a distância entre os alunos dotados de quantidades desiguais de capital cultural.

Mais precisamente, por meio de uma série de operações de seleção, ele separa os detentores de capital cultural herdado daqueles que não o possuem.

Pierre Bourdieu (1930-2002)

É a constatação de que a Escola dissimula e reproduz as desigualdades sociais, revelada em companhia de Jean-Claude Passeron na obra *Os herdeiros* (1964), que vai acompanhar o sociólogo Pierre Bourdieu ao longo de sua trajetória profissional. A paternidade da tese que motivou a elaboração desta pequena obra, baseada num *corpus* constituído de enquetes sociológicas estatisticamente tratadas é atribuída, sobretudo, a Pierre Bourdieu, que em seus trabalhos ulteriores retomou e reafirmou algumas das noções aqui esboçadas e que vão dar o tom à sua teoria da reprodução social.

Além de sua repercussão no mundo acadêmico, a obra também encontra grande penetração nos movimentos sociais fundamentando as lutas de diversas categorias profissionais. O termo “herdeiro”, foi incorporado à linguagem corrente para designar os filhos das famílias cultas que, por estarem muito próximos do mundo escolar, serão orientados – ou escolhidos – para os cursos universitários mais valorizados socialmente. Enquanto estes são dotados de um “corpo de saberes, de saber-fazer e de saber-dizer que constitui o patrimônio das classes cultas” (BOURDIEU e PASSERON, 2014, p. 10), favorecendo sua relação com a universidade por tratar-se unicamente da mobilização de uma herança, os filhos das camadas desfavorecidas, ao entrarem em contato com a

cultura escolar, vivem um processo de aculturação por estarem muito distantes da lógica que caracteriza o mundo universitário<sup>1</sup>.

Como é próprio do campo científico, as críticas a esta obra foram intensas e vieram de diferentes ângulos. Os autores foram acusados de estabelecer determinismos que deixam pouco espaço à iniciativa dos atores e a suas estratégias e, sobretudo, de provocar um grande pessimismo entre os profissionais ligados ao ensino. Mas isso não impediu sua repercussão e sua contribuição no sentido de redirecionar não apenas o trabalho de sociólogos da educação e de alguns historiadores, que passaram a se dedicar à elucidação dos mecanismos que engendram as desigualdades, mas também à reflexão sobre as políticas para a educação, colocando em xeque o projeto francês de democratização em curso.

As razões do sucesso de *Os herdeiros* devem-se ao menos a três fatores, como lembram alguns dos seus analistas. Primeiramente, a uma conjuntura política e social em grande efervescência nos anos 1960, favorável a todo tipo de questionamento, associada tanto à expansão demográfica representada pela geração do *baby-boom*, a qual provocou a explosão do número de alunos em todos os níveis escolares, quanto ao projeto do governo Charles De Gaulle, voltado à formação de elites científicas e técnicas, considerada fundamental à promoção do crescimento econômico. Esse sucesso também se deve ao fato de convergir com outras análises críticas formuladas anteriormente sobre os sistemas de ensino – particularmente sobre a escola republicana –, adotadas como bandeira de luta por alguns movimentos pedagógicos. E, por último, a repercussão de *Os herdeiros* está relacionada à sua interpretação crítica, cuja pertinência científica vai modificar consideravelmente o consenso predominante em torno da escola e da autoridade docente, e desnudar a dimensão ilusória do projeto de democratização da educação.

Mas é no quadro do movimento de 1968 que *Os herdeiros* ganha todo seu vigor. Um dos aspectos que faz eco junto à opinião pública naquele momento histórico diz respeito ao modo como são produzidas as desigualdades escolares estatisticamente

---

<sup>1</sup> Embora Bourdieu construa sua tese primeira tendo por referência o acesso à Universidade, esta análise pode apoiar reflexões sobre o acesso ao ensino fundamental, sobretudo em países como o Brasil, marcados pela desigualdade de acesso e de oferta, com direcionamentos específicos de acesso conforme a origem de classe.

observadas. Bourdieu e Passeron (1964/2014, p. 93) constatarem que “o esforço de igualização permanece formal enquanto as desigualdades não forem efetivamente abolidas por uma ação pedagógica”. Um segundo aspecto de grande impacto, relacionado ao cotidiano universitário, denuncia as práticas pedagógicas tradicionais, especificamente os cursos magistrais (considerados como “napoleônicos”), assim como as modalidades de seleção e eliminação associadas a essas práticas. Os autores mostram o quanto a ordem pedagógica estava obsoleta em relação aos novos modos de vida e de consumo, tendo se tornado incapaz de responder às expectativas das gerações mais jovens. Além disso, a perspectiva desenvolvida por Bourdieu e Passeron obriga a pensar a escola nas suas relações com a sociedade que a produz e nas relações sociais específicas que se travam no interior das instituições, justamente onde as regras apresentam uma autonomia relativa. Ao visar o conjunto da instituição de ensino superior, *Os herdeiros* argumenta em favor de uma reforma universitária, traduzida na ideia de uma pedagogia racional que, além de se opor ao caráter sacralizado do magistério, coloca-se no contrapé de uma forma hedonista altamente valorizada pela juventude dos anos 1960.

Enfim, passados 50 anos, que motivações nos levaram a retomar *Os herdeiros*? Primeiramente, consideramos importante situar a obra no seu contexto histórico, assim como sua contemporaneidade no campo científico francês e internacional, por meio da mobilização de alguns pesquisadores. Em seguida, nos dedicamos a recolher no Brasil algumas “leituras” visando instrumentalizar a apropriação, tanto no campo epistemológico, quanto no âmbito da pesquisa em educação, de uma obra publicada em português meio século após seu aparecimento.

Em relação à França, iniciamos nossa reflexão lembrando que, por longo tempo, a obra *Os herdeiros* esteve associada a uma perspectiva determinista das práticas pedagógicas e extraordinariamente radical no que concerne à atuação dos sistemas educacionais. Neste aspecto, as pesquisas atuais continuam mostrando que a vinculação entre fracasso escolar e origem social permanece praticamente inalterada, encontrando, passados meio século, respaldo nos pressupostos da meritocracia escolar. Ao distinguir os mais meritosos, a escola dissimula – e legitima – os privilégios ligados ao nascimento,

ao *ranking* ou à fortuna. Segundo Baudelot (2011, p. 57-58)<sup>2</sup>, o traço estrutural da escola francesa, notadamente o da herança cultural posto em evidência por Bourdieu e Passeron graças às grandes enquetes dos anos 1960, não foi alterado. Como revelam os diagnósticos internacionais, PISA sendo um dos mais contundentes, permanece acentuada, ao longo dos últimos dez anos, a relação entre *performance* do aluno e origem social. Não obstante, como mostram inúmeros estudos dedicados à análise de percursos escolares improváveis inscritos, sobretudo, numa perspectiva microssociológica, não se pode negligenciar a proporção de alunos que escapa ao seu “destino social”, revelando-se capaz de driblar seu “futuro objetivo”.

E hoje, que desafios são colocados à pesquisa em educação? Estaria superada a temática das desigualdades escolares, o que tornaria extemporânea a teoria da reprodução inaugurada em *Os herdeiros*? Seria possível se pautar na análise de percursos prováveis visando apreender o imprevisível, o inesperado? Que leituras sobre a teoria da reprodução vêm sendo realizadas na França? Quais as expectativas de pesquisadores brasileiros em relação à publicação desta obra no Brasil?

Nossa intenção é fazer com que os diferentes “olhares” aqui reunidos permitam uma melhor apreensão dos contornos da complexa teoria da reprodução, de seus limites, seus pontos de tensão, seus desdobramentos. Nossa intenção também é incentivar uma aproximação realista com o legado de *Os herdeiros*, por meio da oferta de instrumentos de reflexão produzidos no seu contexto de origem (França), num outro contexto estrangeiro (Austrália) e, particularmente, no Brasil. Nossa perspectiva é essencialmente acadêmica porque se opõe aos esquemas mecânicos e simplistas de apropriação de obras clássicas e propõe a leitura crítica de um modo de pensar científico (de um *modus operandi*), elaborado num outro tempo e num contexto longínquo, interligado, todavia, pelos fios que definem esse emaranhado que é o mundo escolar.

*Charles Soulié* procura explicitar o “espírito *soixante-huitard*” dando ênfase aos desdobramentos de algumas formas de engajamento no movimento de Maio de 68. Sua perspectiva pauta-se na análise da tentativa, considerada original, de democratizar o

---

<sup>2</sup> Cf.: BAUDELLOT, Christian. L'héritage contre le mérite. In ROSANVALLON, Pierre (Col.). *La république des idées. Refaire société*. Paris: Seuil, 2011, p. 49-63.

acesso à Universidade francesa, encabeçada principalmente por Jean-Claude Passeron e pelo filósofo Michel Foucault e que consistiu na criação da Université de Vincennes (atual Paris VIII). O autor sublinha o caráter pedagógico desta experiência inusitada, que acolheu, inclusive, estudantes que não haviam concluído o ensino médio e que vinham de setores assalariados. Sua reflexão destaca as fortes pressões políticas, vindas de diferentes ângulos, as quais impediram professores e estudantes de chegar a um consenso mínimo no que tange aos princípios pedagógicos a serem adotados. O que se efetivou, paradoxalmente, foi o surgimento de um “mercado livre acadêmico” caracterizado pelo que chama de “concorrência carismática” que envolveu todos os professores.

Ao retomar *Os herdeiros*, Philippe Masson vislumbra uma leitura a partir de novos parâmetros teórico-metodológicos e considera o trabalho elaborado por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron como essencial à história da sociologia francesa da educação. O autor destaca a necessidade, para revisitar uma reflexão clássica voltada ao desvelamento das políticas de democratização da educação da época, de estabelecer correlações entre os modos de coleta dos dados que sustentam a tese de *Os herdeiros*, os quais podem ser vistos hoje como excessivamente artesanais, e as formas de tratamento dos mesmos, o que ao contrário representa uma importante inovação no âmbito das ciências humanas e sociais dos anos sessenta.

Gabriel Langouët, por sua vez, se consagra à análise de grandes enquetes (PNUD, por exemplo), que colocam em perspectiva o peso das desigualdades, particularmente nos chamados Estados emergentes que integram o BRICS (África do Sul, Brasil, China, Índia e Rússia), sobre o índice de desenvolvimento humano (IDH); índice ajustado pelo prêmio Nobel de Economia Amartya Sen. A intenção do autor é mostrar a força nociva das desigualdades, relacionadas especificamente à renda, à saúde e à educação, quando se vislumbra um desenvolvimento que respeite, no mínimo, os seres humanos e seu meio ambiente. Ele o faz por meio de um estudo comparativo com um “grupo de controle”, constituído de quatro Estados do G7 (Alemanha, Canadá, Estados Unidos e Japão) além de Cuba. Para Langouët, as teorias da herança cultural e da reprodução social de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1964 e 1970) não foram refutadas, uma vez que as

desigualdades não foram combatidas. Pior, não há sinais de que o serão nas próximas décadas.

Interessados na pertinência das análises desenvolvidas pelos autores de *Os herdeiros* tendo em vista o enfrentamento de situações recorrentes na Universidade francesa de hoje, *Romuald Bodin* e *Sophie Orange* pautam-se na noção de “jogo universitário” para analisar o acesso e a permanência de estudantes oriundos dos bacharelados tecnológicos e profissionalizantes. Eles mobilizam a noção de capital cultural (específico), nos termos apresentados por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron na teoria da reprodução, para compreender as razões que levam estudantes universitários a alcançarem ou não o sucesso. Os autores partem do pressuposto que o domínio de saberes (escolares) fundamentais não é garantia de um percurso bem sucedido, pois certos desajustamentos de ordem propriamente social podem provocar humilhações e uma estigmatização promovida pela orientação escolar, por professores ou por outros estudantes.

O impacto da obra *Os herdeiros* sobre diversos centros de pesquisa é inquestionável, como têm demonstrado os estudos que confirmam ou refutam a teoria da reprodução de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. É sua repercussão internacional e sua contribuição à sociologia da educação que evidenciam *Richard Teese* e *Martine Derivry-Plard*, ao se referirem às desigualdades de acesso ao sistema universitário australiano. Os autores partem da constatação de que o ensino superior naquele país é oferecido por estabelecimentos de ensino que se diversificam segundo suas localizações geográficas: enquanto as instituições privadas situam-se em zonas privilegiadas, as instituições públicas estão em zonas desfavorecidas; os estabelecimentos católicos ocupando uma posição intermediária. A essa estrutura desigual, acrescentam-se o controle curricular exercido pelas universidades de prestígio e as sucessivas reformas curriculares postas em prática, tornando ainda mais complexos o ingresso e as regras do jogo universitário. Para estes autores a Universidade figura, conseqüentemente, como uma das instâncias de (re)produção dos “herdeiros” australianos.

A sociologia da educação brasileira apresenta uma longa e profícua relação com a teoria da reprodução (*A reprodução* tendo sido publicada no Brasil em 1975) e, sobretudo,

com a obra de Pierre Bourdieu que chega progressivamente no país nas décadas seguintes. No entanto, *Os herdeiros*, embora obra de referência em muitos trabalhos, não se popularizou em termos de leitura, seja pela falta de tradução para o português seja pela ausência na maior parte das bibliotecas. A recente tradução da obra, publicada pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, representa um esforço no sentido de permitir o acesso às bases da teoria da reprodução e estimular um retorno a sua leitura. É esta perspectiva que *Ione Ribeiro Valle* se propõe a mostrar explicitando primeiramente algumas razões para retomar esta obra meio século depois de sua publicação na França e para lê-la num outro contexto geográfico e cultural. É o fato de considerar suas “teses” indispensáveis à compreensão crítica das desigualdades escolares no Brasil, num momento histórico de grandes apostas na ampliação do acesso à educação superior, que motiva a autora, além de também sua contribuição à pesquisa educacional, nos diferentes níveis de ensino, e à mobilização dos intelectuais na definição das novas políticas e reformas para a educação brasileira.

Os fundamentos epistemológicos mobilizados por Bourdieu e Passeron em *Os herdeiros* têm sido objeto de importantes aprofundamentos, como revela o trabalho de *Santiago Pich*, voltado essencialmente à apropriação do pensamento weberiano. Segundo o autor, essa obra se coloca “entre o projeto moderno não realizado e a aposta na razão”. Os conceitos de Weber, presentes na obra, aparecem tanto na demonstração do “caráter mistificado e mistificador do modo de relação dos estudantes com o sistema de ensino”, quanto na explicitação de um projeto não realizado, que deveria buscar na razão os elementos balizadores das práticas. Trata-se, segundo esta perspectiva, de uma obra que aposta na configuração do sistema de ensino no sentido do cumprimento da sua função social prevista no projeto moderno, sobretudo em relação ao ideal da igualdade e à política francesa de democratização da educação.

Situar a obra *Os herdeiros*, de Bourdieu e Passeron publicada em 1964, no quadro epistemológico também foi a intenção de *Marcos Rohling*, ao examinar seu impacto na constituição de um novo paradigma das ciências sociais. A abordagem por ele escolhida concentra-se na concepção de ciência, considerando que a mesma foi reafirmada, anos mais tarde, na obra *Le Métier de Sociologue*, originalmente publicada em 1968 (em

parceria com Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron). Sua reflexão parte das concepções de educação e escola, presentes em Émile Durkheim, e avança em relação à sua ressignificação, particularmente no campo da sociologia francesa de meados do Século XX, quando ganha força o chamado *hiperfuncionalismo* de Talcott Parsons. Por último, o autor discute aspectos teóricos e metodológicos de *Os herdeiros*, assinalando que a ideia de ciência adotada nas duas obras promove uma ruptura com o senso comum ao propor que o fato social seja construído.

As mudanças que vêm ocorrendo no ensino superior, caracterizadas pela expansão das oportunidades de acesso, parecem confrontar-se com a tradição acadêmica que historicamente manteve nas mãos das elites a Universidade brasileira. Para Rosario Silvana Genta Lugli, *Os herdeiros* de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron constitui-se uma referência importante para a compreensão das controvérsias entre as tradições universitárias e o acesso das camadas populares, porque relaciona elementos institucionais e culturais, modos de relação pedagógica e experiências de pertencimento ao ambiente universitário. É a partir do caso do campus de humanidades da Universidade Federal de São Paulo, fundado em 2007, voltado à formação de bacharéis e professores dessas áreas, que a autora situa a tensão entre o ideal meritocrático e as políticas de permanência e ampliação do acesso. Segundo ela, a precariedade das condições estruturais explicitou as representações contraditórias da universidade, sobretudo entre docentes dos cursos que gozam de maior legitimidade e estudantes combativos que defendem uma “universidade popular”.

A obra de Pierre Bourdieu e de Jean-Claude Passeron rompeu fronteiras epistemológicas desde os seus primeiros passos, como revelam os estudos sobre a teoria dos campos, por exemplo. É sua apropriação pelo campo esportivo que visa o ensaio de Cristiano Mezzaroba e Daniel Machado da Conceição. Estes autores se perguntam se é possível considerar a existência de “herdeiros” no mundo esportivo tendo como base a lógica da “herança invisível” que favorece os “herdeiros da cultura”. Eles partem do pressuposto que enquanto para os últimos há uma transferência quase que por osmose do capital cultural e dos privilégios que lhe são corolários, os “herdeiros do esporte”, aqueles que contam unicamente com o seu capital físico-corporal, se confrontam com



formas restritas (e muitas vezes perversas) de ascensão social e de sucesso nas profissões esportivas. Além disso, os autores questionam as implicações do campo esportivo nas práticas desenvolvidas pelo componente curricular Educação Física e assinalam que a dualidade de percursos está presente no espaço escolar: enquanto os “herdeiros da cultura” estão destinados ao prolongamento da formação escolar, sendo a carreira esportiva uma trajetória apenas admissível, os “herdeiros do esporte” são, bem cedo, afastados da escolarização porque são reconhecidos pelas possibilidades de sucesso no mundo esportivo.

Além destes artigos, constam deste dossiê duas resenhas: a primeira elaborada por *Tiago Ribeiro Santos*, *Silvana Rodrigues de Souza Sato* e *Melina Kerber Klitzke*, sobre *Os herdeiros*, obra para a qual é dedicado o Dossiê deste número da Revista Linhas. A segunda, apresentada por *Vera Lucia Gaspar da Silva*, sobre a obra “*Les inégalités dans l’Union Européenne et ailleurs: et si on osait?*” de Gabriel Langouët, publicada em Paris pela Editora L’Harmattan, em 2014.

Finalmente, integra este dossiê uma entrevista em vídeo realizada por *Silvana Rodrigues de Souza Sato*, *Tiago Ribeiro Santos* e *Ana Paula de Souza Kinchescki* com *Maria das Dores Daros*, que, a partir de sua trajetória de formação, abordou o ensino de sociologia nos cursos de formação docente: Curso Normal Regional, Curso Normal e Curso de Pedagogia. A entrevistada enfatizou os principais aportes teóricos da disciplina de sociologia da educação nos anos de 1960-1970, analisando a recepção da obra *A Reprodução* de Bourdieu e Passeron traduzida no Brasil em 1975, em relação ao Campo Educacional no período. A partir deste contexto teórico e histórico, Daros traça um panorama da apropriação das ideias de Pierre Bourdieu na pesquisa educacional brasileira entre os anos de 1980 e 2000, apreciando as possibilidades de ampliação da utilização dos conceitos dos autores com a tradução recente da obra *Os Herdeiros*, tanto para a pesquisa em educação, quanto para o estabelecimento de políticas educacionais inclusivas.

Florianópolis e São Paulo, inverno de 2014.